

CASAS

1232

RUBEM BRAGA

Os amigos mais pobres apenas pensam em comprar um terreninho a prestações, em algum lugar longe, mas simpático; e pensam, apenas. Os mais ricos querem construir ou comprar uma casa. Não sei porque me convidam a ir ver o terreno, ou a casa que pretendem reformar. Vou sempre. Tenho a consciência de que eles estão vivendo um momento grave; mesmo quando falam com decisão — “vou derrubar isto, fazer uma puxada aqui, etc.” — sinto que estão intimamente hesitantes. E’ como se eles mesmo estivessem se plantando no chão, depois de vogar por muitos edifícios. Olham em volta, vagamente desconfiados. Para não ficar o tempo todo calado, pergunto ao acaso:

— E aqui, o que vão plantar?

O amigo não chega a dizer nada, mas sua mulher responde logo, como se naquele instante mesmo estivesse pensando nisso; responde com precipitação, como se quizesse impedir que, uma vez le-

vantada a questão, alguém pudesse admitir uma resposta diferente:

— Jaboticaba.

E me olha nos olhos. O amigo também me olha. Fico um instante calado, eles sabem o que estou pensando. Ela está vendo dentro da minha alma a mudinha da jaboticabeira murchar ou crescer raquítica, feia, estéril, em um clima impróprio. E acode logo, como se estivesse regando carinhosamente com sua palavra a planta sem viço:

— Você sabe que aqui perto, no outro canto do bairro, tem uma casa que tem jaboticabeira?

Explica que ela também pensou que não desse jaboticabeira por aqui. Pois dá, e muito bem. A questão é manter a terra sempre fresca. Um fio de água ali perto e a jaboticabeira crescerá em graça e beleza e seu tronco e seus galhos se cobrirão de frutas escuras e gostosas. Tenho vontade de fazer uma pergunta cruel, mas justificável, sobre uma possível escassez de água. Mas não quero judiar da joven senhora. Sei que ela está sonhando em plantar aqui uma jaboticabeira de sua infância. Sei, porque eu mesmo plantaria um cajueiro ou um imenso pé de fruta-pão... Seu sonho é a jaboticabeira de Minas; talvez seja essa a primeira imagem que lhe tenha ocorrido diante da palavra “casa”; uma construção com jaboticabeiras.

Meus amigos estão ancorando. Um desses me disse, com melancolia, que fazendo sua casa tinha às vezes a estranha impressão de que estava fazendo seu túmulo. “Estou fazendo uma casa para viver

nela, mas principalmente a casa onde vou morrer; você pense bem, uma casa é uma coisa agarrada no chão, uma coisa que se afunda no chão. E’ o chão, o socêgo que estou procurando. Mas estou alegre por causa de meu filho menor. Esse não crescerá, como os outros, pulando de um apartamento para o outro. Terá uma infância de casa, de árvore, de pedra, de águas, de bichos, de chão; uma infância com carejar de galinhas. Eu... eu quero plantar uma mangueira aqui, perto da janela do meu quarto. Pensa que o terreno não dê para plantar mais mangueiras...”

Ele falava e eu revia, a muitos anos e muitas léguas de distância, a casa grande em que ele foi menino, a casa em que seu pai morreu, uma grande casa branca cercada de mangueiras gordas.

Marco 51

11 159-16.7.55

B. A.

406